

## A ESCOLA, A REDE E A RUA – ESPAÇOS E TEMPOS JUVENIS NAS TRAMAS DO CONTEMPORÂNEO

Angélica Silvana Pereira<sup>1</sup>

Elisabete Maria Garbin<sup>2</sup>

Rita Basso<sup>3</sup>

---

### Resumo

Neste artigo serão apresentadas algumas problematizações sobre tempos e espaços onde se fundem, se proliferam e se tornam visíveis identidades e subjetividades juvenis nas complexas composições sociais e culturais dos nossos tempos. Trata-se de discussões desenvolvidas ao longo de três pesquisas de cunho etnográfico que tematizam práticas juvenis na escola, na rua e na internet. Busca-se, portanto, colocar em relevo compreensões múltiplas sobre estes sujeitos em alguns tempos e espaços de suas vidas, nos quais constroem relações de afeto, pertencimentos e aprendizagens diversas, capazes de desafiar instituições, normas e saberes.

**Palavras-chave.** Juventudes; Práticas Culturais; Espaços e Tempos

---

### 1 INTRODUÇÃO

É comum a ideia de que os jovens estão sempre à frente das mudanças sociais e culturais que nos atingem cotidianamente. São eles que (mais?) desafiam normas, instituições,

---

<sup>1</sup> Angélica Silvana Pereira. Endereço: Av. Prof. Sandoval Arroxelas, 525 apto 602 – Edifício Personale – Ponta Verde, Maceió/AL, Brasil. CEP: 57035-230. Telefones: (82)9608-9595 e (82) 8140-9391. E-mail: [angelicagp2004@yahoo.com.br](mailto:angelicagp2004@yahoo.com.br). Mestre e Doutora em Educação. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

<sup>2</sup> Elisabete Maria Garbin. Endereço: Rua Eng. Antônio Rebouças, 167 apto 502 – Bairro Bela Vista – Porto Alegre/RS, Brasil. CEP: 90440-120. Telefones: (51) 3388-6717 e (51)9116-6182 E-mail: [emgarbin@terra.com.br](mailto:emgarbin@terra.com.br) Doutora em Educação. Professora de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>3</sup> Rita Cristine Basso Soares Severo. Endereço: Rua Otávio Dutra, 164 apto 903- Edifício Villa da Barra – Santa Tereza – Porto Alegre/RS, Brasil. CEP: 90810230 Telefones: (51)9235-8029. E-mail: [ritabasso@terra.com.br](mailto:ritabasso@terra.com.br) Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul e da rede municipal de Porto Alegre.

conhecimentos por meio de suas práticas culturais. Eles são velozes e eficientes adeptos das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, as chamadas TICs, criando uma intimidade e uma habilidade invejável no manuseio de artefatos eletrônicos portáteis como *tablets*, *notes*, telefones celulares e outros aparatos tecnológicos. Também são eles os (mais?) ousados, esquisitos, abertos a experimentações sensoriais, afetivas, corporais...

Embora não tenhamos a pretensão de tomar tais assertivas como verdades absolutas, parece-nos incontestável que os jovens que hoje conhecemos são nativos de um momento em que somos ampla e profundamente afetados por mudanças abissais nas concepções de espaço, de tempo e nas formas de vivê-los. Isto significa pensar que eles nasceram imersos em uma lógica espaço-temporal de rupturas e de diminuição de fronteiras, de relações globais, e que vêm se constituindo dentro dela.

Cabe-nos, portanto, enfatizar que concordamos com a compreensão de que espaço e tempo são dimensões diretamente implicadas na complexidade social e cultural que vem se desenhando, principalmente a partir das últimas décadas do século XX. Falamos isso não somente porque o espaço e o tempo estão em tudo o que fizemos, mas também porque tudo o que fizemos produzem esses espaços e tempos. Há, portanto, uma compreensão de espaço e de tempo não natural, de acordo com a qual os mesmos podem ser inventados e reinventados pelas culturas. Nessa direção, Harvey (2007) observa que os sentidos atribuídos a estas duas categorias da vida humana variam de acordo com a organização das diferentes sociedades e com os modos como cada uma delas as experiencia.

Assim, entendemos que pensar nos jovens e suas práticas culturais implica apreender como eles experimentam determinados espaços e tempos, tanto no sentido macro que se refere a um período da história e a um estado da cultura, da política, da economia etc., quanto em um sentido micro, relacionado aos seus espaços e tempos cotidianos, como escola que estudam, os lugares de estar com amigos, as redes sociais da internet e tantos outros. Concordamos com Feixa (2003) quando disserta que não é somente o tempo que constrói as juventudes, mas as juventudes constroem socialmente o tempo, na medida em que projetam e reinventam novos modos de vivências temporais, as quais estão cada vez mais implicadas nos espaços que habitam.

Certo é que as vivências espaço-temporais juvenis na contemporaneidade são compostas por uma infinidade de práticas capazes de causar múltiplas fraturas na tradicional compreensão sobre juventude, desestabilizando explicações e definições que desde o início do

século XX têm nas características biopsicológicas as principais referências para explicar o que é ser jovem. Com efeito, por longo período, a juventude foi definida como uma fase da vida determinada, sobretudo, por uma faixa etária correspondente a várias transformações biológicas e comportamentais, as quais antecedem a vida adulta.

Assim, quando falamos em ‘juventude’, estamos profunda e comprometedoramente emaranhados em uma complexa trama de representações sociais e culturais que vão se construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas (PAIS, 2008). Em consonância com o pensamento do autor, reafirmamos – como vimos fazendo em outros textos – nossa compreensão de juventudes como uma categoria múltipla, plural, cujas contingências econômicas, políticas e culturais de nossos tempos têm produzido muitas possibilidades de ser jovem.

Nesse texto, evocamos a compreensão de espaços, tempos e de juventudes afastando-nos de enquadramentos conceituais unitários, compactos e seguros para dar vazão a paisagens culturais e identidades multifacetadas, como é o caso dos jovens, seus tempos e seus espaços. Nessa perspectiva, entendemos as *tramas do contemporâneo* como cruzamentos, entrelaçamentos e atravessamentos que compõem um ‘terreno’ movediço, no qual as identidades e as subjetividades juvenis desenham-se como fluxos plurais, fragmentários, disjuntivos. Nas tramas do contemporâneo, estão o consumo, a comunicação midiática, a hibridação das culturas, a fragmentação dos sujeitos, as tecnologias, alterando, muitas vezes radicalmente, modos de viver espaços e tempos diversos. É justamente nessa alteração que ‘residem’ também inúmeras possibilidades de se experimentar e conhecer o mundo, produzindo modos de ser jovem que podem ser multiplicadas ao infinito.

Trata-se de sujeitos que habitam espaços e tempos de deslizamentos, permeados pela cultura do consumo e pela cultura da mídia, as quais atuam na composição das suas identidades e subjetividades. Todos fazem parte de um mundo “intrigante, misterioso e inquietante que se ergue a nossa volta, desarranjando a lógica, rompendo a ordem, reinventando o *espaçotempo*<sup>4</sup> [grifo da autora] e instalando-nos em meio a uma verdadeira ecologia da imagem e do consumo [...], convertendo-nos em perplexos protagonistas de uma nova era” (COSTA, 2006, p. 178).

---

<sup>4</sup> A exemplo de Alves (2006), alguns autores têm utilizado a escrita junta e invertida – *espaçotempo* – para fazer um contraponto à maneira como tempo e espaço são tradicionalmente tratados, mostrando que esse modo dicotomizado de compreendê-los inventados pela ciência moderna não tem dado conta das reflexões contemporâneas sobre questões relativas à sociedade, à educação e a cultura.

Apresentamos neste artigo algumas problematizações sobre a escola, a Rede e a rua enquanto espaços e tempos onde se fundem, se proliferam e se tornam visíveis identidades e subjetividades juvenis. Busca-se, portanto, colocar em relevo compreensões múltiplas sobre estes jovens que, através de suas práticas culturais, desafiam a solidez de instituições como a escola, seus discursos, seus saberes, suas práticas, fazendo emergir uma série de questões, tais como: quem são? O que querem? O que fazer com eles?<sup>5</sup>

Propomo-nos trazer à luz algumas anotações teóricas seguidas de três cenas relacionadas às nossas pesquisas que focalizam práticas culturais juvenis na escola, na Rede e na rua, nas quais as experiências vivenciadas pelos jovens individual e coletivamente se desenrolam nas tramas do contemporâneo, produzindo significativas mudanças não somente nos sujeitos, mas também nas próprias instituições responsáveis por sua formação, a exemplo da escola. As pesquisas estão situadas na área da educação e buscam interlocuções entre essa área, os Estudos Culturais e os estudos sobre juventudes, tendo na etnografia a principal referência para a produção de materiais analíticos, a partir dos registros em diários de campo, fotografias, transcrições de conversas e entrevistas.

Organizamos este texto em dois grandes blocos de discussões. No primeiro, procuramos fazer um movimento de localização teórica sobre juventudes, espaços e tempos. No segundo, direcionamos nossas discussões para práticas juvenis e os arranjos espaço-temporais, no qual trabalhamos com três cenas que versam sobre estes arranjos nos espaços e tempos da escola, da Rede e da rua, chegando, enfim, nas nossas costuras finais.

## 2 BREVE REVISITAÇÃO TEÓRICA SOBRE ESPAÇOS E TEMPOS

Iniciamos esta revisitação lembrando uma passagem de um texto de Bauman (2001). Diz-nos o autor que se, há algumas décadas, uma pessoa fosse questionada a respeito do que entendia por espaço e tempo, diria que espaço é o que se pode percorrer em um determinado tempo. E tempo é o que se precisa para percorrê-lo. A história do tempo, sustenta o autor, começou com a Modernidade. A Modernidade é, mais do qualquer outra coisa, a história do tempo.

---

<sup>5</sup> Costa (2005) apresentou estes questionamentos no artigo “Quem são, que querem, que fazer com eles?” Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. Vide referências.

Harvey (2007) destaca que a construção das ferrovias, a invenção do telégrafo, a invenção da eletricidade diminuindo a fronteira entre o dia e noite, o claro e o escuro, e, mais tarde, a invenção do telefone, do rádio, da televisão, do avião possibilitaram uma aceleração dos ritmos da vida, tornando os deslocamentos mais velozes e mais rápidos, mexendo com as noções longe/perto e fazendo com que o espaço parecesse cada vez mais reduzido. Nessa direção, Bauman (2001) observa que uma das práticas humanas que delimitam o início da Modernidade, é o tempo como ferramenta de conquista do espaço.

O sociólogo supracitado denomina de “Modernidade Pesada” (BAUMAN, 2001) a fase da Modernidade que priorizou as grandes conquistas dos espaços, a conquista dos territórios. A conquista do espaço veio a significar máquinas mais velozes. Como observa Harvey (2007), a revolução industrial produziu possibilidades de deslocamento antes feitas de forma restrita – a pé, por meio da força animal, por barcos a remo ou a vela – as quais não só foram ampliadas, como cresceram velozmente.

O movimento acelerado significava maior espaço, sendo que acelerar o movimento era o único meio de ampliar o espaço. Nessa corrida, o espaço era o que tinha valor e o tempo era a ferramenta para conquistá-lo. Assim, a Modernidade Pesada pareceu obcecada pelo volume, o qual representa o sucesso, ao passo que o tamanho representa poder. O autor aponta essa fase da Modernidade como a Era *Hardware* (Bauman, 2001, p. 132), a época das máquinas pesadas, das grandes fábricas. A conquista do espaço era o valor supremo. A Modernidade Pesada foi a era das conquistas territoriais sendo que a riqueza e o poder estavam firmemente enraizados. Os grandes impérios econômicos estabeleciam-se por todo o globo e as fronteiras estavam totalmente demarcadas. Na Era *Hardware*, riqueza e poder dependem de tamanho. As coisas tendem a ser lentas, resistentes e complicadas de mover. Elas são encorpadas e fixas, feitas de aço, concreto e medidas por seu volume e peso. Crescem expandindo o lugar e protegem-se protegendo esse lugar.

A rotinização do tempo mantinha o lugar como um todo compacto e sujeito a uma lógica homogênea. Na conquista do espaço, o tempo tinha que ser flexível e maleável e, acima de tudo, tinha que poder encolher pela crescente necessidade de “devorar o espaço”. Quando, porém, chegava o momento de fortificação do espaço conquistado, de sua colonização e domesticação, fazia-se necessário um tempo rígido, uniforme e inflexível: o tipo de tempo que fosse cortado em fatias de espessura semelhante e passível de ser arranjado em sequências monótonas e inalteráveis. “O espaço só era “possuído” quando controlado, e

controle só significava, antes e acima de tudo “amassar o tempo”, neutralizando seu dinamismo interno: simplificando a uniformidade e coordenação do tempo” (BAUMAN, 2001, p. 134).

O tempo rotinizado juntava-se às grandes fábricas, rodeadas de altos muros, A fábrica fordista, o modelo mais cobiçado e vorazmente seguido da racionalidade planejada no tempo da modernidade pesada. O tempo rotinizado prendia o trabalho ao solo. O tempo congelado das rotinas das fábricas, junto aos tijolos e argamassas das paredes imobilizavam o capital tão eficientemente quanto o trabalho que este empregava. Tudo isso começou a mudar com o advento que Bauman (2001) nomeia como capitalismo de *Software* e de Modernidade “leve”, em que a organização dos negócios é, cada vez mais, vista como uma tentativa permanente de adaptabilidade, em um mundo percebido como múltiplo, complexo e rápido. Militam contra estruturas duráveis. No universo de *software*, as coisas acontecem à velocidade da luz. O espaço pode ser atravessado, literalmente em tempo algum, cancelando-se a diferença entre longe e aqui. O espaço não impõe mais limites às ações. O autor assim considerou que a instantaneidade aparentemente se refere a um movimento muito rápido e a um tempo muito curto, “O tempo não é mais o desvio na busca, não mais confere valor ao espaço. A quase-instantaneidade do tempo do *software* anuncia a desvalorização do espaço.” (BAUMAN, 2001, p. 137).

Na direção de Bauman (2001), Harvey (2007) já havia nos alertado que uma profunda mudança estava ocorrendo nas práticas culturais, econômicas e políticas a partir dos anos 1970, a qual está relacionada com a emergência de novos modos de viver o espaço e o tempo. O desenvolvimento tecnológico tem sido, segundo o autor, o propulsor dessas transformações, especialmente a partir de invenções que encurtaram distâncias e resultaram em uma economia de tempo que gerou modificações na relação do espaço com o tempo. Espaço e tempo parecem estar cada vez mais acentuados e acelerados, dissolvendo as distinções entre eles, ao que Harvey (2007) chamou de *compressão do espaço-tempo*. Hoje, espaço e tempo constituem-se como categorias indissociáveis.

Foucault (1987) também adentrou nas discussões que envolvem tempo e espaço, mostrando como tais categorias reorganizaram-se no século XVII mediante um novo tipo de poder que denominou de poder disciplinar. Segundo essa forma de poder, o mais rentável e mais produtivo seria vigiar ao invés de punir. Nessa lógica disciplinar, domesticar, normalizar e fazer produtivos os sujeitos é melhor do que eliminá-los. Esse poder, em razão de sua

economia e de seus efeitos, estendeu-se por todo o corpo social, mais efetivamente nas instituições educativas.

Elias (1993) argumenta que, a partir dos estados modernos e com as sociedades industrializadas, as exigências sociais que pesam sobre a determinação dos tempos e espaços fazem-se cada vez mais prementes no “processo de civilização”. Assim, a intensa rede de reguladores temporais vai permitir que se viva o tempo como um *continuum*, que serve de fundamento à categoria de identidade pessoal. O autor explica que, em nossas sociedades ocidentais, constituiu-se um tempo subjetivo, a sensação de que existe um tempo individual próprio e separado do tempo objetivo. Para ele, desde o racionalismo moderno, começa a se intensificar uma concepção de tempo mais individualizada, antropocêntrica, a qual, curiosamente, coexiste com uma tendência social, cada vez mais forte, para determinar, medir e diferenciar os ritmos temporais aos quais terão que se submeterem todos os sujeitos.

Os controles exercidos por meio da regulação do tempo e espaço contribuem para ritualizar e formalizar condutas. Orientam uma visão de mundo. Medir e regular o espaço e o tempo de uma determinada forma implicam não apenas relacionar os acontecimentos de modos específicos, mas perceber e vivê-los de maneira peculiar. O tempo em nossa cultura é medido com pontual exatidão e, além disso, é percebido socialmente como um fluxo que vai do passado ao presente e do presente ao futuro.

## 2.1 Juventudes em três [ou mais] tempos

Para pensarmos nas juventudes contemporâneas como construções que se processam nas contingências históricas, sociais e culturais, Feixa (2003) propõe a metáfora do relógio, já que ele mede o tempo cronológico, mas também pode simbolizar o tempo biológico e, sobretudo, tempos sociais. O antropólogo argumenta que quando olhamos para os nossos relógios de pulso, observamos uma versão metafórica condensada da história da civilização: a divisão do dia em 24 horas do antigo Egito; a divisão da hora em 60 minutos do sistema matemático sexagesimal da antiga Suméria; o círculo e os ponteiros móveis que surgiram na Europa medieval e que foram aperfeiçoadas na Modernidade e difundidos massivamente com a industrialização; os circuitos eletrônicos nos quais se baseiam os relógios atuais, desde a segunda metade do século XX.

Essa visão metafórica condensada da civilização também está presente, ainda que de forma mais pulverizada, nos comportamentos dos jovens de hoje, indicando que essas diferentes construções temporais compõem modos de ser jovem na contemporaneidade. Olhando para os jovens, torna-se possível identificar o entrelaçamento entre os ritmos biológicos e sociais de todas as espécies, os ritos de passagem de diferentes momentos históricos, a presença dos tempos de formação e tempos de lazer – produtos da industrialização –, bem como a proliferação dos espaços de lazer que surgiram com a pós-modernidade. Desse modo, Feixa (2002, 2003) utiliza-se da imagem de três relógios – o *relógio de areia*, o *relógio analógico* e o *relógio digital* – para analisar distintos contextos temporais e suas construções juvenis na perspectiva da geração.

Segundo o autor, o *relógio de areia* baseia-se em uma construção cíclica e natural do tempo que é dominante nas sociedades pré-industriais e, por isso, serve como metáfora para representar um período em que os jovens aprendiam com as gerações mais velhas. Era um tempo de repetições cíclicas de comportamentos e de saberes transmitidos pelos pais, pelos avós, com raras e escassas modificações. Os mais velhos eram, portanto, as referências de autoridade e os detentores da experiência. Esta modalidade de transmissão geracional é um tipo de construção cultural ainda vigente em algumas sociedades tribais e campesinas, podendo estar presente nas nossas sociedades em instituições como escolas, exércitos, igrejas e no mundo do trabalho (Feixa, 2003). Nesse modelo, identifica-se uma valorização do passado, e a juventude é tida basicamente como uma categoria orgânica, tendo uma participação quase nula no que tange ao consumo e às inovações culturais. Desse modo, práticas como festividades, brincadeiras e ritos de passagem costumavam acontecer em espaços restritos e locais, como os espaços familiares e comunitários.

Com o surgimento do capitalismo industrial, difundiu-se uma concepção progressiva e linear de tempo, requerendo técnicas mais precisas para medi-lo e controlá-lo. Surge o *relógio analógico* ou mecânico: um relógio que necessita de corda para poder seguir sempre adiante, assim como eram o tempo e a sociedade do momento. Nessa concepção de tempo, cada geração buscava viver melhor do que as gerações anteriores e, assim, já não reproduzia como antes os conteúdos culturais recebidos dos mais velhos. As novas gerações aprendiam não somente com os mais velhos, mas também com seus contemporâneos, construindo novas referências de autoridade e expandindo as interações sociais para além das relações de parentesco e comunitária. Com isso, o espaço vivido deixa de ser somente local para assumir

uma dimensão maior, nacional. Além disso, uma sucessão geracional ganha expressividade através das mudanças sociais e também pela emergência de conflitos geracionais que se instalam. Educadas a partir de concepções distintas de tempo, os grupos etários têm expectativas diferentes em relação ao futuro (FEIXA, 2003).

Assim, o relógio analógico serve como metáfora para pensarmos em um tempo menos natural, mais abstrato e mais autônomo, inaugurando a ideia de uma categoria juvenil autônoma, capaz de criar um mundo próprio. Feixa (2003) ressalta que essa modalidade de transmissão geracional persiste nas instituições que lidam com o tempo livre, como associações juvenis, clubes, etc.

Um aspecto relevante para pensarmos na metáfora do relógio analógico é a emergência dos espaços e tempos livres, a partir do advento da Revolução Industrial. Com o nascimento do capitalismo, uma nova ordem socioeconômica é inaugurada: a produção já não era determinada pelas necessidades de consumo do grupo doméstico. O mercado passa a ser o eixo que tem na força de trabalho um dos fatores envolvidos no processo produtivo.

Sabemos que o lazer e a diversão sempre existiram de formas distintas em cada momento histórico. Entretanto, uma nova questão instala-se nas sociedades pós-industriais frente a uma reconfiguração das relações dos sujeitos com o mundo do trabalho. Trata-se da dicotomia trabalho *versus* tempo livre. Desse modo, o lazer está associado à ideia de um tempo livre que precisa ser preenchido e segundo Magnani (2002), a questão do lazer surge, então, dentro do universo do trabalho e em oposição a ele.

Para algumas tendências do movimento operário organizado da época, o tempo livre era de extrema importância, pois representava a necessária reposição da energia gasta assim como a possibilidade de desenvolvimento de uma cultura própria e independente dos valores burgueses (MAGNANI, 2002). Assim, passeios, leituras, representações teatrais, competições desportivas, sessões de canto e música, além de debates e cursos de formação eram as formas pelas quais os trabalhadores preenchiam seus tempos livres. Nessa direção, pode-se inferir que o tempo livre ou o de lazer passam a ser instituídos e, aos poucos, vão sendo legitimados e legalizados com as conquistas dos trabalhadores referentes ao direito de terem dias e horários de descanso. Assim, a busca por lazer ganha outro *status* e passa a fazer parte da vida das famílias dos jovens pós-industriais, configurando outras possibilidades de viver o tempo e o espaço.

Chegamos ao *relógio digital*, um relógio composto por *microchips* e movido pela energia de minúsculas pilhas e baterias, capaz de calcular com precisão os centésimos e milésimos de segundos. Além do pulso humano, o relógio digital pode estar em vários aparatos tecnológicos, como telefones celulares, televisões, eletrodomésticos, sistemas de segurança, indicando a possibilidade de um incessante controle do tempo gasto em cada atividade da vida e, ao mesmo tempo, sugerindo um caráter múltiplo e plural de vivê-lo. Para Feixa (2003), a presença dos relógios digitais em cada recanto da vida cotidiana confere ao tempo uma dimensão precisa e localizada e, ao mesmo tempo, relativa, descentrada, móvel, já que pode ser reprogramado constantemente em relação ao seu início, ao seu final, à sua duração, ao seu ritmo.

Conforme o autor, o relógio digital é um símbolo emblemático da era pós-industrial ou da pós-modernidade, com base em uma concepção de tempo que pode ser chamada de “virtual” [grifo do autor]. Nesse contexto, Feixa (2003) destaca que são os pais que aprendem com seus filhos, construindo uma nova referência de autoridade. Esta modalidade de transmissão geracional é expressa, basicamente, nos meios de comunicação, nas formas de diversão digitais, nas novas tecnologias da informação e da comunicação. O tempo e o espaço passam a ser globais e a velocidade dos transportes, das redes eletrônicas digitais televisivas e telefônicas de alcance universal corroboram a sensação de que todos vivemos um mesmo tempo e que tudo acontece em tempo ‘real’, produzindo o que o autor denomina de simultaneidade (FEIXA, 2003).

### 3 PRÁTICAS JUVENIS E OS ARRANJOS ESPAÇO-TEMPORAIS

As construções temporais que entretencem as práticas juvenis friccionam o tempo em durações diversas, em acontecimentos e em práticas capazes de redesenhar e ressignificar espaços, produzindo outras experiências juvenis. Dentre elas, podemos pensar as próprias juventudes como experiências espaço-temporais que geralmente são associadas ao tempo vivido *pelos* e *nos* corpos, tempo este que, segundo Feixa (2002; 2003), nunca é apenas cronológico e biológico, mas é também social.

Pais (2003) destaca que o tempo social encontra-se inevitavelmente ligado às práticas sociais que o compõem e o transformam de um tempo físico e biológico em tempo qualitativo, social. “O tempo social, é, pois, resultante da vida social [...], tempo fraccionando

em durações diversas, em acontecimentos, em actividades, em condutas [...], tempo descompassado e com tendência para fundir o seu fluxo incerto com outros tempos” [SIC] (PAIS, 2003, p. 129). Pertinente ressaltar nosso entendimento de práticas sociais como ações constituídas por uma dimensão cultural que apresentam certa regularidade. Nas palavras de Hall (1997, p.33), “a cultura é um adas condições constitutivas de existência de toda prática social e toda prática tem uma dimensão cultural”.

Nesses fluxos, misturam-se classes sociais, raças, etnias, culturas, gênero, orientações sexuais e muitas práticas juvenis, as quais têm sido capazes de produzir outros arranjos espaço-temporais. Sabemos que as condições socioeconômicas são significativamente constitutivas dos modos de vida dos sujeitos e da maneira como vivem espaços e tempos diversos. A própria duração do tempo de vida, que socialmente é denominado como juventude, pode ser mais ou menos favorecida pelas características socioeconômicas dos sujeitos que a protagonizam, tais como a renda familiar e o nível de desenvolvimento da região onde vivem. As (re)configurações espaço-temporais atreladas às experiências dos jovens pesquisados, chamam atenção para as misturas, as matizes, o borramento de fronteiras socioeconômicas, de cor, de gênero e de orientação sexual.

Pertinente ressaltar que as juventudes contemporâneas tem se caracterizado por diferentes culturas, e se estamos operando com o conceito de juventudes pelas lentes socioculturais, é possível constatar que os sinais de identidades apresentados pelos jovens são marcados não somente por questões de raça, gênero e classe, mas também pela articulação de tais categorias com um presenteísmo (e individualismo) característico desses tempos (Maffesoli, 1998), desafiando-os a viver um presente exigido por um espaço-tempo veloz, sem projetos para o futuro. Enquanto a sociedade (moderna) reivindica planos para o futuro, nossos jovens preferem viver o presente líquido (BAUMAN, 2007).

Esta ‘celebração’ do presente contribui para a produção de sujeitos jovens com pertencimentos múltiplos e difusos, dispostos a inúmeras experimentações, adeptos a incessáveis nomadismos, capazes de realizar várias atividades ao mesmo tempo, conectados com o mundo o máximo de tempo possível, ‘ensinados’ a comandar suas atividades cotidianas apertando botões e teclas do computador, do telefone celular, do controle remoto, do MP3, MP4, do *ipod*, do *tablet*, do GPS... Vivem ‘espaços outros’, configurados por vastas, velozes e múltiplas possibilidades de diversão, de interação, pela coexistência das diferenças, produzindo, então, um novo modo de operar o tempo.

Se antes as pessoas construíam suas identidades e suas subjetividades a partir de significados e representações presentes nas instituições consolidadas, como a escola, os partidos políticos, os clubes, atualmente, são inúmeros os espaços sociais onde constroem suas identidades, suas subjetividades (GVIRTZ; LARRONDO, 2006). Esses espaços diferenciam-se dos demais por serem mais cambiantes, mais voláteis. São espaços de fluxos... É possível chegar, significá-los, habitá-los, ocupá-los e também sair, desocupá-los, e até mesmo abandoná-los...

## 2.1 Cena um. A escola<sup>6</sup>

*Dez horas da manhã. Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha, mais conhecido como Instituto de Educação de Porto Alegre/RS. A campanha da escola soa, marcando o início do recreio! Em menos de 30 segundos os corredores são inundados de cores, vozes, risos, sujeitos-jovens-alunos que saem de todas as salas. Estou parada na porta de uma das salas de aula do andar superior, tomando 'coragem' para enfrentar aquela multiplicidade de sujeitos que esbarram, atritam, se chocam com meu corpo de professora, que neste momento passa completamente despercebido, ninguém literalmente me vê! Atravessar o corredor me parece uma odisseia, pois os alunos vão ocupando os espaços, principalmente os da escadaria central do prédio! Alunos e alunas com seus instrumentos musicais vão se aglomerando em volta de um grupo que tamborila em um pandeiro músicas em ritmo de samba. Outros alunos e alunas estão parados no outro canto da escadaria rindo e trocando conversas como se aquele som do pandeiro, acompanhado da música que o grupo que está ao lado escuta, em um pequeno tocador, que pela má qualidade do som não consigo definir qual o estilo musical, não fosse quase ensurdecador, pelo menos aos meus ouvidos. Lá estão eles, todos conectados num espaço tempo que decididamente não era o meu. Antes de chegar ao meu destino sou abordada por um aluno, troco algumas palavras e a campanha da escola volta a soar! Era a hora de retornar a sala de aula! Terminou o recreio! Eu mais que rápido volto-me na direção da escadaria ansiosa, pois tenho que retornar e lá estão eles fazendo exatamente o estavam fazendo tocando e conversando. E lá ficaram até a chegada da vice-diretora que do pé da escadaria gritou e bateu palmas dizendo: "gente vamos se conectar, já tocou o sinal é tempo de voltar pra sala" e eles lentamente foram se dispersando. E eu? Bom! Eu só queria ter ido até a sala dos professores (SEVERO, 2010, Excerto de Diário de Campo).*

Iniciamos a discussão apresentando um excerto de diário de campo que narra o início do recreio. Destacamos, desta narrativa, o conflito com os horários instituídos pela escola. O

---

<sup>6</sup> Esta cena foi composta a partir de materiais analíticos do Projeto de Tese "Enquanto a aula acontece... Práticas juvenis na escola contemporânea" (2011). Vide referências.

horário de retorno às salas de aulas não é respeitado. Uma tensão parece instalar-se... Embora a companhia soe, sinalizando o início das atividades, a maioria dos alunos é indiferente ao ruído, tão alto que pode ser audível a muitos metros de distância.

Pensar acerca dessas tensões, não quer dizer que elas sejam novas, que os jovens-alunos de outros tempos já não as tenham feito. O foco destacado no excerto de Diário de Campo que segue, mostra como a escola contemporânea lida com esses tensionamentos.

*Os monitores e professores da escola circulam freneticamente por entre os alunos com a intenção de conduzi-los o mais rapidamente às salas de aulas, para que os corredores fiquem "organizados" e que se iniciem as atividades. Porém, a minha impressão é que um dos propósitos almejados pelos jovens é o de livrar-se do espaço e tempo institucional, para a constituição de uma espacialidade e temporalidade próprias. Eles andam pelos corredores alguns com seus fones de ouvido, outros em grupos conversam e riem, outros ainda aguardam os professores para começar o movimento em direção às salas de aula, e outros não vão para a sala, ficam pelos corredores, escadarias e pátio. (SEVERO, 2010, Excerto de Diário de campo)*

Há, portanto, uma disputa entre o espaço e tempo institucionais, que se pretendem rígidos e inflexíveis e as temporalidades fluidas dos jovens estudantes. Os tempos da escola são controlados; entretanto, é possível observar que os jovens recriam espaços, alternam tempos e subvertem algumas regras da escola. Tais transgressões têm criado, nos professores, a sensação de 'descontrole', de perda de autoridade, e as reclamações têm como fundamentação a indisciplina e o desinteresse dos alunos. Não estamos dizendo que as relações desses jovens-alunos não passam por controles e vigilâncias. Queremos destacar que tais relações muitas vezes escapam aos controles, e os jovens ocupam os espaços com práticas não previstas para a instituição reconfigurando, assim, os espaços.

A forma de perceber o espaço e o tempo que se impõe na escola da Modernidade foi o de controle minucioso do processo de aprendizagem. Assim, em relação ao espaço, na escola, os indivíduos deverão ser localizados de forma que possam ser observados e controlados em todos os momentos, e o tempo precisa ser rotinizado, distribuído para todas as ações sejam produtivas, para que nada fique ocioso. Nessa estrutura, a escola, entre os séculos XV e XVI, institucionalizou-se e configurou-se tendo como sua função disciplinar atitudes, ordenar e classificar os comportamentos, unificar linguagens. Foi se constituindo ao longo dos tempos como um espaço singular para abrigar as gerações mais jovens. Coube à escola dosar os graus de liberdade, instituir a civilidade e a racionalidade com o objetivo de adaptar as gerações

mais jovens às novas formas de configurações sociais. Essa função foi conferida à escola a partir do ideário iluminista projetado na Modernidade. (VARELA; URIA, 1992)

Veiga-Neto (2002, p. 1) destaca que o currículo foi a grande maquinaria da escola moderna que rompeu com os sentidos de tempo e espaço medievais. “O currículo imprimiu uma ordem geométrica, reticular e disciplinar tanto aos saberes quanto à distribuição desses saberes ao longo de um tempo”. Para o autor, em termos de tempo, o currículo produziu e ainda produz rotinas e ritmos para todas as pessoas que, de alguma maneira, têm relação com a escola. O tempo na escola é minuciosamente calculado, com horários específicos para cada disciplina, recreio, entrada e saída. Em termos mais amplos, o tempo é distribuído, na maioria das escolas, por séries de durações anuais, com progressivo aumento no grau das exigências. Para a maior produtividade do tempo, é preciso que os corpos não estejam dispersos no espaço, e sim submetidos a algum tipo de cerceamento ou confinamento.

Destaca o autor que algumas práticas e artefatos que foram constituindo-se na escola moderna servem de exemplos para o caráter relacional do espaço ocupado pelos corpos infantis em relação à produtividade do tempo. Exemplifica indicando a invenção das classes ordenadas por idade e por desempenho; as filas durante os deslocamentos pelos espaços da escola, a posição que as crianças ocupam dentro da sala em função de seus atributos ou nível de desempenho. Cabe ressaltar aqui que currículo, para o referido autor,

é um artefato escolar que, ao mesmo tempo, tanto foi *produzido* por uma nova forma de pensar que se articulava na Europa pós-medieval, quanto foi *produtor* dessa mesma forma de pensar. Tratava-se de um novo sistema de pensamento que ressignificava as experiências com o espaço e o tempo, em conexão com as imensas mudanças que se davam nos planos econômicos, social, cultural, geográfico, religioso e político do mundo europeu e de suas nascentes colônias. (VEIGA-NETO, 2002, p.3).

O autor salienta que as mudanças que ocorreram alicerçavam-se nas novas maneiras de se perceber e usar o tempo e o espaço. Assim, instituía-se uma ruptura do medieval para o moderno. Segundo o autor, “era uma nova geometria e uma nova temporalidade no mundo europeu” (VEIGA-NETO, 2002, p. 3). Na mesma direção, Ramos do Ó (2003) sugere que a escola moderna, mais do que cultivar práticas repressivas com o propósito de inculcar o medo e a obediência passiva, procurou, tomando como referência a matriz cristã do poder pastoral, formar uma personalidade no aluno por meio dos bons exemplos, das identificações positivas e de um trabalho interior de auto regulação.

Isso tudo desenvolvia no aluno a força do hábito e a força de vontade, associando sempre os comportamentos ao bem e ao mal, ao normal e ao anormal. Nesse sentido, a escola de massas, na Modernidade, ocupou-se da formação acadêmica e moral do aluno, visando, assim, à preparação adequada para a sua entrada na vida adulta. O autor ainda salienta que a escola, na sua arquitetura organizacional, trabalhava sempre para deslocar os alunos de seus hábitos, levando-os a uma chamada “perfeição natural”.

Nesse sentido, é possível inferir que a escola é um dos espaços que propiciou a emergência de um modo específico de infância e juventude como etapas destacadas do desenvolvimento da vida na Modernidade. A partir do momento em que a escola de massas propicia que os sujeitos de uma determinada faixa etária convivam cotidianamente, articulando relações de sociabilidade com seus pares, a escola também passa a ser modificada a partir dos modos como esses sujeitos relacionam-se entre si e com a própria instituição. Importa destacar, nesse sistema, a redistribuição dos indivíduos no espaço, sua reorganização, a maximização de suas energias e de suas forças, sua acumulação produtiva tão necessária para a acumulação de riquezas e do capital.

Acerca dessa temática, Xavier (2008, p.21) considera que a escola da Modernidade fez investimentos na construção de um aluno disciplinado, passivo e desejoso de aprender, e a escola contemporânea parece esperar que esse modelo de aluno “surja por geração espontânea” sem ensinamento ou investimentos. Assim, sugere a autora que o modelo de alunos esperado/desejado para o contexto escolar contemporâneo tem sido pouco discutido pelos professores. Esse processo de negociação constante parece que está sendo pouco valorizado, tanto na família como na escola.

Parece-nos pertinente salientar, pelo que trazem de novo nas relações, essas vivências dentro dos espaços e tempos escolares podem ser pensadas em suas potencialidades para o exercício de uma relação renovada com a escola, a qual possa abrir caminho para processos de constituição de subjetividades mais autônomas e livres, abertas à experimentação de novas formas de sociabilidades e outras composições espaço-temporais da escola contemporânea.

## 2.2 Cena dois – A Rede<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Esta cena é parte de registros de Diário de Campo produzido por uma pesquisa principal de Projeto guarda-chuva sobre culturas juvenis urbanas e seus diferentes cenários, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

*Ponto de ônibus, Porto Alegre. Na esquina, à espera por um táxi, observo um jovem manuseando concentradamente seu tablet. Olhando de canto, reconheço a tela do facebook. Enquanto tecla, produz inúmeras expressões faciais: ri baixo, torce a boca, mexe as sobrancelhas. Chega o ônibus. Todas as pessoas que estão no ponto embarcam, exceto o jovem e eu, que estou à espera de um táxi. O ônibus parte. O jovem leva ainda alguns segundos para perceber o movimento. Ao levantar os olhos, vê a sua linha de ônibus chegando na quadra seguinte. Num tom irritado, fala consigo mesmo: "Putz! Perdi o ônibus". Volta os olhos para a tela do tablet, pois esses segundos que se distraiu olhando para o ônibus que havia perdido foram suficientes para vários avisos sonoros de recebimento de mensagens. Toca seu celular. Depois de dizer "alô", o jovem diz: "tô no ponto de ônibus". Pelo teor da conversa que seguiu por aproximadamente um minuto, parece ser alguém lhe convidando para um programa com amigos. Ele rapidamente responde: "manda pelo face" [forma abreviada de referir-se ao facebook].. "Eu tô aqui, agora" [referindo-se à rede social]. Finaliza a conversa por telefone através de um tchau relâmpago e desliga o celular. Chega o próximo o ônibus. Ele embarca. Pela janela posso vê-lo passando na roleta com o tablet nas mãos, a postos. Enquanto se organiza para sentar, parece seguir pronto para responder rapidamente ao próximo sinal... (GARBIN, 2011, Excerto de Diário de Campo).*

A cena acima descrita coloca em evidência a abrangência e a intensidade das tecnologias digitais nos modos de vida, especialmente de crianças e jovens que nasceram e que estão crescendo imersos no contexto de uma veloz expansão dos aparatos tecnológicos e suas múltiplas possibilidades de atuação na vida cotidiana. Em meio a esse quadro, destacam-se a internet e as suas redes de relacionamento, nas quais os jovens têm uma significativa e intensa participação.

Segundo Urresti (2008), a presença das novas tecnologias da informação e da comunicação na vida das pessoas ganha importância cada vez maior, principalmente pelas transformações por elas produzidas nos distintos âmbitos da vida social, redefinindo processos econômicos, sociais, culturais e afetivos. Isso sugere que aquilo que para gerações anteriores é novidadeiro, para os jovens é praticamente uma questão ‘nativa’. O autor utiliza a expressão “nativos digitais” (p. 13) para referir-se a tais tecnologias como um dado a mais da existência cotidiana do público jovem, ou seja, como algo já ‘naturalizado’ nas tramas culturais dos sujeitos que nasceram, especialmente, a partir dos anos 1990.

Estes ‘nativos digitais’ transitam de forma naturalizada em espaços e tempos de simultaneidades, tornando possível múltiplas estadas e várias atividades ao mesmo tempo, como se pode observar na cena anterior, em que o jovem está no ponto de ônibus e no *facebook*, concomitantemente. Manter-se conectado configura-se, portanto, como uma

possibilidade de simultaneidade de atividades, de encontros, de formas de estar virtualmente, lembrando a noção de “geração @” proposta por Feixa (2004) para falar desta geração tecnologizada e internauta, em que o @ significa viver conectado.

O autor argumenta que esta é uma geração que não ficou isolada a partir dos seus contatos com o computador e com as ferramentas da internet. Pelo contrário. A internet e suas várias possibilidades de interação vêm caracterizando-se como uma potente intensificadora das relações entre os pares, que favorece a comunicação com um número maior de pessoas, as quais a distância geográfica não aproximava. A internet constitui-se em uma Rede que oferece uma infinita quantidade de informações e de sites de relacionamento, de forma a proporcionar que seus membros criem novas amizades e mantenham seus relacionamentos, contrariando algumas visões que a demonizam e a culpabilizam pelo isolamento dos sujeitos.

Diante do exposto, Pereira e Garbin (2011) destacam que o tripé formado pela família, pela escola e pelo grupo de amigos de convívio ‘presencial’, há muito considerados basilares nos processos de socialização de crianças e jovens, tem se alterado nos últimos anos por essas ‘novas’ agências de espaço social, que acabam desencadeando outros processos de subjetivação e produzindo outras subjetividades. Os diversos contornos das atividades e dos relacionamentos que os jovens constroem cotidianamente, os modos com forjam suas identidades estão cada vez mais atravessados pelas ferramentas da internet. Lemos (1999) arrisca supor que possivelmente estejamos vivendo uma reversão do processo individualista moderno, buscando, através das tecnologias, novas formas de agregação social, o que ele chama “agregação eletrônica.” (LEMOS, 1999, p.16).

Em suas pesquisas, Garbin (2001, 2003, 2009) tem advertido que não há dúvida de que a internet converteu-se em um ‘laboratório’ [grifo da autora] para a realização de experiências com as construções e reconstruções do ‘eu’ na vida pós-moderna, porque, na realidade virtual, de certa forma, moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos. Por esse motivo, ela torna-se um ‘imã’ para jovens que a utilizam, seja como uma forma de comunicar, seja como um instrumento de demarcação de fronteiras, tornando-se um objeto a ser incessantemente louvado, usado, teclado, enfim, acessado.

Além disso, na internet, é possível encontrar informações e conhecimentos de todos os tipos, expostos de inúmeras maneiras, os quais podem ser acessados de qualquer lugar e em qualquer momento. Isto nos leva a pensar nos desafios que se impõem à escola contemporânea frente a tantas reconfigurações da vida cotidiana tecnologizada. Garbin

(2009) argumenta que a internet reúne três campos que pareciam distintos uns dos outros: a cultura e novos conhecimentos produzidos a partir das tecnologias digitais; a comunicação e o lazer; e, por fim, a informação simultânea e seu caráter efêmero, quebrando as fronteiras entre esses três temas. A própria palavra escrita, a fala, as imagens fixas e as imagens em movimento, a música, os sons variados, enfim, tudo se encontra reunido na Rede.

A Rede viabiliza atividades como conectar-se, encontrar-se no mundo virtual e conversar por através de programas de mensagens instantâneas, visitar sites diversos, postar comentários, baixar músicas e vídeos, os quais são comuns entre jovens e só podem ser feitos através da internet, de modo que hoje não se pode mais falar da vida cotidiana dos jovens ou de culturas juvenis sem se considerar o impacto das tecnologias (URRESTI, 2008). Isto pode ser identificado em frases comuns entre os jovens [e não somente entre os jovens], como “não vivo sem internet”; “se eu pudesse passaria o dia inteiro conectado”; “preciso entrar no *facebook*”, as quais revelam o quanto as novas tecnologias da informação e da comunicação têm afetado e têm produzido modos pelos quais as pessoas – principalmente os jovens – estudam, trabalham, divertem-se, comunicam-se, relacionam-se, namoram, ampliam e sustentam suas amizades.

Tais falas juvenis, mostrando a imprescindibilidade da Rede em suas vidas, levam-nos a pensar que espaços e tempos de encontros virtuais constituem-se em redes de sociabilidades de fundamental importância para muitos deles, por motivos diversos. Essas redes, que antes eram tecidas quase exclusivamente nos clubes sociais e esportivos, nas praças, nos parques, nas danceterias, nas esquinas, nas ruas, vem se articulando, na última década, também em sítios como o *orkut*, *fotolog*, *facebook*, *twitter*, etc. (URRESTI, 2008). Estar conectado configura-se, portanto, em uma possibilidade simultânea de múltiplas experiências juvenis, agenciadas por novas formas de viver o espaço e tempo.

### 2.3 Cena três: A rua<sup>8</sup>

*Domingos, metade da tarde. Parque da Redenção<sup>9</sup> e suas imediações, Porto Alegre. Vindos de vários bairros e de cidades próximas como Alvorada, Cachoeirinha, Esteio,*

---

<sup>8</sup> Esta cena foi construída a partir de materiais produzidos no processo de uma pesquisa de doutorado que se debruçou sobre práticas de transgressão de jovens em espaços públicos de Porto Alegre. Trata-se de uma descrição breve e panorâmica que tem como objetivo materializar imagens recorrentes entre jovens no Parque da Redenção, em Porto Alegre, e seus entornos, como as Avenidas João Pessoa, José Bonifácio e Osvaldo Aranha.

*Sapucaia do Sul, Gravataí e Viamão, jovens andam em bandos e em grupos menores e assim começam a compor uma instigante cena urbana... Em menos de duas horas pode-se ver centenas deles formando aglomerações móveis nas proximidades da principal entrada do Parque. Chamam atenção para si através do visual dos seus corpos modificados, travestidos, tatuados, perfurados por piercings, com vestimentas específicas - geralmente pretas -, juntamente com modos de falar, de namorar, de estar junto de seus pares, de gestos e de linguagens que no conjunto constituem performances inquietantes e provocadoras. Espaços e tempos demarcados por grupos, nomadismos, drogas lícitas, drogas ilícitas, afetos, amizades, conversas, músicas, violões, namoro, pegação e desfiles de corpos que andam de um lado para o outro... O Parque se transforma em espaço privilegiado de manifestações juvenis, diante dos olhos da cidade. Os jovens de preto - como são conhecidos -, circulam por algumas zonas do parque e de seus arredores alterando a paisagem. Usam vestimentas esquisitas, diferentes. Roupas pretas, coturnos pesados. Cabelos de todos os tamanhos, coloridos, com penteados especiais ou milimetricamente despenteados, arrepiados, 'espetados'. Acessórios diversos: pulseiras spikes, cintos, bolsas, suspensórios, meias [coloridas, rasgadas, trocadas], faixas nos cabelos, bonés, chapéus. Faces maquiadas, olhos fortemente marcados... Os corpos exibem muitos investimentos identitários relacionados aos estilos musicais que apreciam, às suas bandas, artistas prediletos e aos seus pertencimentos a grupos de diversos. (PEREIRA, 2011, Excerto de Diário de Campo).*

Conforme o fragmento anterior, os jovens experimentam a metrópole misturando-se aos fluxos de pessoas, de imagens, de veículos e de informações, circulando, ressignificando espaços e fazendo recortes no tempo, transformando-o em um espaço tempo específico regado a experimentações, fruições, performances, celebrações do momento e, assim, parecem viver um espaço e um tempo 'entre parênteses' em relação ao demais do seu cotidiano (PEREIRA, 2011). Muitas das práticas juvenis no Parque e suas imediações são performances transgressoras que rompem com linearidades de outras imagens convencionais produzidas em espaços públicos, causando furor, impacto, estranhamento, admiração, reconhecimento... Tudo depende de quem as assiste...

Estar entre seus pares e entre os 'outros' configura-se em um movimento de busca por formas de distanciamento dos espaços e tempos marcados pelo controle, caracterizados pelos compromissos escolares, familiares e do mundo do trabalho, o que lhes autoriza e/ ou lhes incita a determinadas práticas, como fumar, consumir álcool, namorar, ficar. Esse

<sup>9</sup> Localizado na zona central de Porto Alegre, é oficialmente chamado de Parque Farroupilha. Desde 1997, é Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, sendo frequentado pelo público em geral e por turistas. Aos domingos, funciona junto ao Parque uma feira de artesanato e antiquário denominada Brique da Redenção, atraindo milhares de pessoas. O Parque fica entre as avenidas João Pessoa e Osvaldo Aranha, as quais interligam o Centro a outros bairros e a municípios vizinhos.

distanciamento pode ser notado no conjunto de práticas dos jovens que inclui gestos, linguagens, nomadismos e também no uso preponderante de vestimentas pretas.

Estar entre os jovens de preto – como frequentemente são chamados – sugere estar entre os jovens que transgridem no visual e possivelmente em outros aspectos.

Pode-se ponderar que o preto é um elemento que permite conferir-lhes um caráter transgressor, já que o uso desta cor expressa uma vontade de distinção, de distanciamento social e um desejo de ruptura ante os demais jovens que se vestem ‘normalmente’. Pais (2006) observa que esta excentricidade no vestir, presente em muitos estilos juvenis, corresponde também a um questionamento da validade de limites convencionais.

O visual consiste em um caráter distintivo dos jovens entre si, na construção de sentimentos de pertença a determinados grupos e de repulsa a outros; de afinidades e diferenças, pois a imagem corporal torna-se uma via de construção identitária que lhes confere uma expressão simbólica de poder. Através das imagens corporais, diferenciam-se entre si por meio de atributos distintivos (PAIS, 2006), em um movimento de alteridade que implica a um só tempo ser/estar diferente, sendo/estando ‘iguais’.

Segundo Carrano (2002), é principalmente nos tempos [e espaços] de lazer que os jovens constroem suas normas e expressões culturais, ritos e simbologias que os diferenciam do mundo adulto. Os contextos de menor controle dos adultos parecem ser favoráveis para algumas composições de si não possíveis em outros espaços. É nos espaços temporalidades de lazer e de diversão que muitos grupos juvenis adquirem maior visibilidade, expressão e reconhecimento.

No contexto dos jovens da Redenção, alguns investimentos parecem fundamentais para que estes se sintam pertencendo ao universo juvenil desses tempos. Tais investimentos perpassam as condições socioeconômicas, que permitem a alguns acessos mais fáceis ao consumo de símbolos juvenis do que outros. Por outro lado, em muitos momentos, tais diferenças são minimizadas e as fronteiras de classe são matizadas, na medida em que o simulacro está disponível e acessível e já não importa mais se o produto é verdadeiro ou falso. Como observa Canevacci (2007), as pessoas compram produtos sabendo que ele pode ser falso, mas sabem também que ele tem uma “capacidade comunicacional verdadeira” (CANEVACCI, 2007, p. 73).

O estudo de Pereira (2011) mostra que, para estes jovens, estar na Redenção aos domingos implica construir-se e tornar-se visível através de um fazer-se ver que favorece o

sentimento de pertença a um grupo e àquele lugar, àquela cena. Ir vestido ‘normalzinho’ consiste em produzir uma imagem de si que destoa das demais e que incorre no sentimento de estar de fora. Para sentir-se pertencendo, é necessário exibir suas adesões identitárias. Essas adesões dão-se por meio dos discursos que atribuem significados sobre o consumo de determinados produtos, lugares e comportamentos. Neste sentido, as próprias identidades, como ser roqueiro, ser *emo*, ser *punk* e outras, são uma questão de consumo.

Observa-se, assim, que através de suas práticas, os jovens criam sentidos para as suas experiências individuais e coletivas e constituem-se como sujeitos a partir dos processos de socialização compostos por múltiplas interações, tecendo uma trama que, mesmo diante de algumas limitações, como, por exemplo, as dificuldades socioeconômicas, abre-se para inúmeras opções. No Parque, os modos de estar juntos são compostos por uma mistura de sons, corpos, gestos, trânsitos, músicas... Gritos, chamamentos uns aos outros, abraços, namoros, ‘zuação’, ‘ficação’, ‘pegação’<sup>10</sup>, conversas... Na pauta das conversas: experimentações sexuais, gostos musicais, bandas, pertencimentos...

Roxinha<sup>11</sup>, uma entre tantas outras jovens das cenas domingueiras, comenta:

*Há uns dois anos, por aí, eu não era roqueira. Mas eu comecei a curtir rock e comecei a ter um jeito diferente de pensar. É que as pessoas [do rock] não tinham muito preconceito, independente de quem tu fosses, entendeu?! Daí eu comecei a... bah!, a curtir rock com uma amiga e comecei a ver o outro lado. E de repente, no começo do ano passado, eu conheci pessoas que eu vi que eu podia contar e que estariam ao meu lado sempre que eu precisasse. Pessoas que têm uns pensamentos bem legais. Eram contra o capitalismo, contra o nazismo, contra o racismo e eu achei muito legal isso. Acho que, bah! Isso é muito importante. Elas gostavam de músicas que falavam dessas coisas e não das outras músicas que falam só de amor e essas coisas assim. Eles escrevem músicas e não ficam fantasiando o mundo. Pra mim isso é muito importante (PEREIRA, 2011, Excerto de Diário de Campo).*

O fragmento de fala da jovem Roxinha permite-nos colocar em relevo a importância das experiências juvenis como geradoras de aprendizagens capazes de exercer um trabalho dos jovens sobre si. Roxinha virou roqueira e começou a “ter um jeito diferente de pensar”, convivendo com amigos que “não ficam fantasiando o mundo”, que eram “contra o

<sup>10</sup> Os termos ‘ficação’, ‘pegação’ e ‘zuação’ são utilizadas pelos jovens para referir-se às ações de curta duração, de fato que só a curta duração, de rapidez e de simultaneidade de registros, movidos pelo desejo de não perder nada. Nesse caso, diz respeito a capacidade dos jovens contemporâneos de práticas que não incidem em pausas reflexivas e, sim, na fruição de sentimentos e vontades.

<sup>11</sup> Roxinha foi o modo de identificação escolhido pela jovem transeunte, em entrevista realizada pela pesquisadora no Parque da Redenção.

capitalismo, contra o nazismo e contra o racismo” e que estarão ao seu lado sempre que precisar. Desse modo, aquilo que parece ser um ‘simples’ repertório discursivo de distinção entre culturas juvenis é também produtor de outras subjetividades, de outras estéticas de si.

O excerto mostra também que os múltiplos espaços e tempos juvenis são fluxos que assumem uma dimensão afetiva mesclada com a busca de prazer e de diversão. Diante disso, observa-se que as redes de relações construídas em espaços e tempos mais e/ou menos institucionais, como, por exemplo, estes que estamos apresentando neste artigo, são construídas a partir de experimentações que se tecem no seu próprio interior.

Pereira (2011) sustenta que, na rua, os jovens experimentam o caráter público da amizade e vivem formas diversas de sociabilidades e de socialidades, criando vínculos que parecem ter, naquele momento, a mesma ou a maior importância do que os vínculos orgânicos. Assim, torna-se possível inventar modos de estar juntos que saem, pelo menos em parte, do domínio ou do controle dos adultos, favorecendo um caráter transgressor e ao mesmo tempo criativo dessas relações de amizade que muitas vezes têm símbolos de pertencimento como a música, a vestimenta e a linguagem tanto como elementos atratores e agregadores, quanto como elementos de repulsa.

## 5 COSTURAS FINAIS

As práticas juvenis apresentadas neste artigo parecem ratificar a ideia de perda irreversível da dimensão de exatidão da palavra juventude, apresentando-nos modos de ser jovem que deslizam sobre as pretensões de verdade, dificultando nossas tentativas de nomeá-los, classificá-los, fixá-los. Se estamos de acordo que os espaços juvenis são vivenciados e experienciados, precisamos deixar marcado que eles estão implicados também com temporalidades que variam de acordo com interesses, com necessidades, com prazeres que podem ser sentidos e experimentados no transcorrer das práticas dos sujeitos. As temporalidades não indicam apenas a duração dos eventos que se desenrolam nesses espaços, mas estão diretamente relacionadas com a importância dessas práticas em suas vidas e com os modos como são afetados e produzidos por elas.

Desse modo, o espaço e tempo transformam-se naquilo que Pais (2003) chamou de *folhas em branco*, e só ganham sentido com as assinaturas, com as inscrições que os

indivíduos nelas fazem. É, pois, através de um olhar mais atento que se torna possível entender as formas como essas inscrições e assinaturas se processam.

Através de nossas pesquisas, temos buscado entender práticas juvenis diversas em espaços e tempos distintos, tais como a escola, a Rede e a rua, as quais muitas vezes, são vividas intensamente pelos jovens, a seu modo. Entre seus pares e distantes do controle de seus pais, professores e de outros adultos, encontram alternativas outras para viver suas juventudes, constroem relações de afeto, estabelecem fronteiras identitárias, aprendem, ousam, experimentam e transgridem. Esses espaços e tempos são caracterizados pela urgência, pela intensidade, possibilitando expressividades juvenis capazes de dissolver representações verdadeiras ou reais do mundo e, muitas vezes, tornam-se uma via possível de diluir as diferenças socioeconômicas, de raça, de etnia, de gênero e de orientação sexual, ainda que temporariamente, em nome da diversão, da amizade e dos direitos à igualdade.

Interessa-nos, portanto, pensar nestes espaços e tempos de brechas, de rachaduras, como espaços e tempos 'outros', para além da organização e do controle instituídos. São espaços e tempos intersticiais, os quais, segundo Canevacci (2004), são permeáveis, flexíveis e mutantes. Um interstício é um espaço inventado em meio a espaços instituídos, controlados, que exigem determinadas condutas. Na esteira de Foucault (2006), pensamos nesses interstícios como produtores de heterotopias, ou seja, de desestabilizações espaciais e temporais, invertendo o conjunto de relações que lhes são designados. Ainda de acordo com Foucault (2006), os espaços heterotópicos diferem dos espaços ordinários. São espaços de passagem que estão associados à fragmentação do tempo, causando uma ruptura com o tempo tradicional.

A partir dessas premissas, vale ressaltar o caráter prático, dinâmico, vivo e, por isso, descontínuo, fluido, volátil de alguns espaços e tempos juvenis na contemporaneidade, capazes de multiplicar sentidos sobre quem são estes jovens e quem podem tornar-se, a partir de inúmeras experimentações e vivências espaço-temporais.

Estes mesmos espaços e tempos são caracterizados pela urgência, pela intensidade possibilitando expressividades juvenis capazes de dissolver representações verdadeiras ou reais do mundo. Muitas outras representações tornam-se possíveis nas escadarias, corredores e recreios da escola, nas redes sociais da internet, no *estar juntos* na rua. Entendemos, então, que esses espaços e tempos juvenis oferecem-nos pistas para (re)pensar e problematizar a política, a educação, a vida e as próprias juventudes.

## THE WEB, SCHOOL AND THE STREET – YOUNG SPACES AND TIMES IN CONTEMPORARY PLOTS

### Abstract

We will provide in this paper some problematisations about spaces and times where young identities and subjectivities come together, flourish and become visible in the complex social and cultural compositions in our times. They are discussions developed in three ethnographic investigations about young practices in the web, school and in the street. So we seek to highlight multiple understandings about subjects in some spaces and times in their lives, in which they construct relations of affection, belonging and diverse learning so to challenge institutions, norms and rules.

**Keywords:** Youth; Cultural Practices; Times and Spaces

---

## LA ESCUELA, LA RED Y LA CALLE – ESPACIOS Y TIEMPOS JUVENILES EN LAS TRAMAS DE LO CONTEMPORÂNEO

### Resumen

En este artículo serán presentadas algunas problematizaciones sobre tiempos y espacios donde se funden, se proliferan y se tornan visibles identidades y subjetividades juveniles en las complejas composiciones sociales y culturales de nuestros tiempos. Se trata de discusiones desarrolladas a lo largo de tres investigaciones de cuño etnográfico que tematizan prácticas juveniles en la escuela, en la calle y en la internet. Se busca, por lo tanto, colocar en relieve comprensiones múltiples sobre estos sujetos en algunos tiempos y espacios de sus vidas, en los cuales construyen relaciones de afecto, pertenencias, y aprendizajes diversos, capaces de desafiar instituciones, normas y saberes.

**Palabras clave:** Juventudes; Prácticas Culturales; Espacios y Tiempos

---

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Escola e cultura contemporânea – novas práticas, novas subjetividades, novos saberes: em torno de artefatos culturais. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelwiess (orgs). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006, p. 163-175.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CANEVACCI, Massimo. Entrevista com Massimo Canevacci. **Revista Sextante**. Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, v. 10, n. 2, dez, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/10799/7178>. Acesso em 12 de maio de 2013.

CARRANO, Paulo C. R. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir** (v. II). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber. Paisagens escolares no mundo contemporâneo. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelwiess (orgs). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006, 177-193.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. V. 1.

FEIXA, Carles, COSTA; Carmem e PALLARÉS; Joan (eds). **Movimientos juveniles en la Península Ibérica: graffitis, grifotas, okupas**. Barcelona: Ariel, 2002. P. 89-114.

FEIXA, Carles. “Del reloj de arena al reloj digital. Sobre las temporalidades juveniles”, **JÓVENES, Revista de Estudios sobre Juventud**, México DF, 19 (julio-diciembre), 2003, p. 6-27.

FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; FEIXA Carles e CANGAS, Yanko Gonzáles (orgs). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004, p. 251-327.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escrito III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GARBIN, Elisabete Maria. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br** - Um estudo dos chats sobre música da Internet. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2001.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), n. 23, maio/jun/jul/ago, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a08.pdf>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2013.

GARBIN, Elisabete Maria. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: **Salto para o futuro – Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. Ano XIX, boletim 18, novembro de 2009, p. 30-40.

GVIRTZ; Silvina; LARRONDO, Marina. Repensando la relación entre la educación, escuela, y culturas contemporâneas. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelwiess (orgs). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006, p. 153-162.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: v.22, n.2, jul/dez. 1997.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LEMO, André. Ciber-socialidade – tecnologia e vida social na cultura contemporânea. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José (Orgs.). **Práticas discursivas na cultura contemporânea**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999, p. 9-22.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas sobre uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), v. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf> . Acesso em: 30 de julho de 2013.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel de; EUGENIO, Fernanda. **Culturas Jovens – novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, Prefácio.

PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), v. 13, n. 37. jan/abr.2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/02.pdf>. Acesso em: 30 de julho de 2013.

PEREIRA, S. A.; GARBIN, E. M.; BASSO, R.

PEREIRA, Angélica Silvana; GARBIN, Elisabete Maria. *Ela é uma professora e não tem orkut, nem MSN!* Práticas culturais juvenis no ciberespaço e os desafios de ser professor na contemporaneidade. Trabalho apresentado no **VII Congresso Internacional de Educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Domingo no Parque: Notas Sobre a Experiência de Ser Jovem na Contemporaneidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RAMOS DO Ó, Jorge. **O governo de si mesmo - Modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal** (último quartel do século XIX - meados do século XX) Lisboa: EDUCA, Coleção Ciências Sociais, 2003.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **Enquanto a aula acontece... Práticas juvenis na escola contemporânea**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 253 f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

URRESTI, Marcelo. Ciberculturas juvenis: vida cotidiana, subjetividade y pertenencia entre los jóvenes ante el impacto de las nuevas tecnologías de la comunicación y la información. In: \_\_\_\_\_ (ed.). **Ciberculturas juvenis: los jóvenes, sus prácticas y sus representaciones en la era de Internet**. Buenos Aires: La Crujía, 2008, p. 13-66.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URÍA, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria & Educação**: Porto Alegre, n. 6, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

XAVIER, Maria Luiza Merino. **Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Data de recebimento: 31/07/2013

Data de aceite: 07/10/2013